Ele doou US$ 2,2 bilhões

Magnata suíço passa o controle acionário de suas companhias para uma fundação filantrópica que atua na América Latina

ALEXANDRE MANSUR



Cada vez mais os empresários orgulham-se de suas ações beneméritas, destinando parte dos lucros ou um lote generoso de suas ações para fundações de desenvolvimento social. Mas nenhum desses capitães de indústria teve a ousadia do magnata suíço Stephan Schmidheiny, de 55 anos. O que ele doou a uma fundação recém-criada são suas próprias empresas. O conglomerado GrupoNueva, baseado na Costa Rica, com tubos de plástico, material de construção, plantações de palmito e 300 mil hectares de floresta para a produção de madeira certificada, tem um patrimônio de US$ 2,2 bilhões. Desde outubro, o controle acionário do império virou propriedade de uma nova entidade, a Viva Service, cuja finalidade é sustentar a Avina, uma fundação que financia projetos sociais e ambientais em 12 países latino-americanos. "Para os empregados do GrupoNueva, isso significa que os lucros gerados já não beneficiam um acionista, mas que serão reinvestidos em seu próprio meio social", explicou Schmidheiny. É a decisão mais audaciosa de ▶

"O mundo moderno precisa de modelos inovadores de desenvolvimento social. Espero que esses esforços tenham efeito multiplicador"

STEPHAN SCHMIDHEINY, *empresário*

Gloria Calderón



Germano Woelh/divulgação

APOSTA O dinheiro da Avina vai para pequenas ONGs, como a Rã-Buglo, de Santa Catarina, que ensina 80 estudantes por dia a preservar o que resta da Mata Atlântica

MÁQUINA FILANTRÓPICA

A partir de agora, o GrupoNueva financiará as atividades da fundação Avina

GRUPO NUEVA	Países onde opera	17
	Empresas	40
	Fábricas	30
	Empregados	15 mil
	Faturamento	US$ 1 bilhão
AVINA	Países onde opera	10
	Projetos	500
	Projetos no Brasil	130
	Investimento	US$ 280 milhões

um empresário que, nas últimas duas décadas, surpreendeu o mundo corporativo com outras manobras radicais e bem-sucedidas.

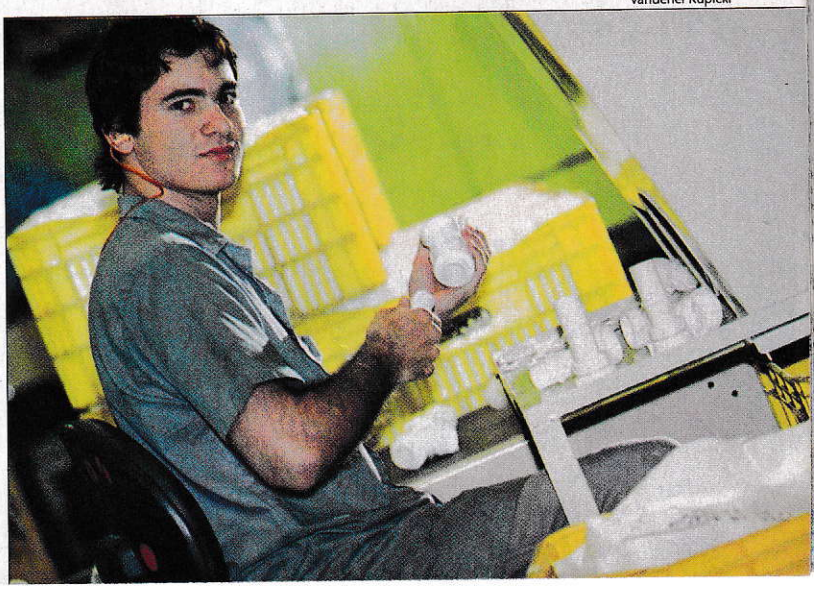
A doação do conglomerado de negócios não deixou o magnata pobre. Longe disso. Depois de anunciar a criação da Viva, ele deixou o mundo dos negócios com um patrimônio pessoal de mais de US$ 1 bilhão. Com os presidentes das empresas do GrupoNueva, o expatrão fez uma brincadeira – distribuiu um novo cartão de apresentação, sem nenhum telefone, no qual se lia apenas "Stephan Schmidheiny, piloto de helicóptero e mergulhador". A partir de agora, o multimilionário divide-se entre os imóveis na Suíça, uma casa na ilha espanhola de Maiorca e fazendas na Argentina e na Costa Rica. Antes de levantar âncora, também criou a fundação Mar Viva, para proteger o arquipélago chileno de Galápagos, em parceria com o Greenpeace. "Cresci nas terras de minha família, passeando pelas trilhas nas montanhas. Com meu pai, passava férias no Mediterrâneo, onde aprendi a mergulhar", explica. "Dessas experiências comecei a me preocupar com o meio ambiente."

Essa preocupação pesou em sua consciência em 1976, aos 26 anos, quando assumiu a direção do grupo Eternit no lugar do pai. O amianto, mineral usado na fabricação de telhas, isolamentos e caixas-d'água, é cancerígeno, além de causar doenças respiratórias. Schmidheiny tinha conhecido o material tóxico de perto aos 18 anos, quando, por ordem do pai, fez um estágio em uma das fábricas do grupo, na periferia de São Paulo. "Costumava carregar os sacos de amianto e jogar as fibras no misturador, respirando profundamente por causa do esforço", recorda. Schmidheiny anunciou publicamente que deixaria de fabricar produtos que contivessem amianto, mas só no início dos anos 90 vendeu a Eternit, com seus processos trabalhistas, para um grupo francês.

Para trás ficaram operários como João Francisco Grabenweger. Aos 77 anos, 38 deles dedicados à Eternit, mal tem fôlego para caminhar. Em troca dos pulmões arruinados pelo amianto, recebe R$ 2.400 de aposentadoria. Paulista descendente de austríacos, Grabenweger lembra do jovem Schmidheiny, que conversava com ele em alemão. "O grande pecado dele foi não ter fechado a fábrica para que ninguém mais mexesse com o amianto", lamenta.

O escândalo do amianto foi decisivo para que Schmidheiny revisse suas práticas empresariais e se tornasse um difusor da administração consciente, como uma espécie de expiação dos pecados. Aprendeu a ganhar dinheiro investindo ao mesmo tempo no desenvolvimento das comunidades em que suas empresas atuavam. Em 1992, a fama de visionário lhe valeu um convite para participar da Rio 92 e ele acabou fundando o Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável, uma entidade que orienta 150 multinacionais a incorporar ecologia e justiça social em seus balanços anuais. Dois anos depois, criou o GrupoNueva para pôr em prática suas idéias de gestão. "Ele prefere perder um negócio a passar por cima de princípios e valores. E não vai à falência por causa disso", elogia o empresário Oded Grajew, assessor especial do presidente Lula para o Fome Zero. ■

Vanderlei Kupicki



PRODUÇÃO O GrupoNueva, doado por Schmidheiny, reúne 40 empresas, do setor agrícola ao de materiais de construção, como a Amanco, que fabrica tubos de plástico